

PERSPECTIVAS BAKHTINIANA NO ITAN *O PAI ESCOLHIDO*, DE RUY PÓVOAS.

Por Jamille Rabelo de Freitas¹ &
Núbia Enedina Santos Souza²

Ruy do Carmo Póvoas, escritor, mestre em Língua Portuguesa e babalorixá, é autor da obra *Itan dos mais velhos*, resultante da pesquisa realizada no Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais – KAWÉ, através do projeto de pesquisa *Viver e fazer de culturas afro-brasileiras na área de influência da UESC*, em parceria com o Núcleo de Estudos da Terceira Idade.

O livro *Itan dos mais velhos*, premiado pela Academia de Letras da Bahia, aborda situações da cultura nagô e ressalta, de forma singela, a importância dos anciãos para que toda herança deixada por este povo não se perca, tendo em vista que, na cultura nagô, eram os mais velhos os responsáveis por transmitir, oralmente, às gerações posteriores os ensinamentos de princípios éticos e morais necessários para a aprendizagem da vida.

A essas narrativas orais, deu-se o nome de *Itan*, vocábulo que tem como significado conto, história. A princípio, essas narrativas eram utilizadas apenas em quartos de consulta às divindades, mas com o passar do tempo, passaram a propagar ensinamentos, com a condição de estarem encaixados num contexto específico, para que os ouvintes absorvessem e aprendessem algo com eles.

Conjunto de histórias gravadas e ensinadas de cor por um babalaô, através da fala (o povo nagô não conhecia a escrita), os itans respondiam adequadamente a todas as questões tratadas no quarto de consulta. [...] Se, por acaso, conta uma história um itan que não seja indicado para aquela situação, pode botar tudo a perder, até estragar a vida do consulente. (OLIVEIRA, 2004, p. 11)

A obra é dividida em quatro partes, denominadas *odu*. O primeiro deles tem como tema a criação; o segundo aborda os contos de assombração; o terceiro narra sonhos de arrastão (com moral inversa) e o quarto traz contos das escolhas dos ancestrais. Em cada *odu*, um velho narra quatro *itans* e, embora a temática seja diferente, todos eles têm a mesma finalidade: transmitir a sabedoria dos mais velhos à nova geração.

Inserido no quarto *odu*, denominado *Escolha de ancestrais*, o itan *O pai escolhido*, objeto da nossa análise, trata dos ensinamentos que o narrador-personagem recebe acerca da crença do seu povo nagô. Mobilizado pela visão que tem de um cachorro que o acompanha sempre, motivo pelo qual é castigado por sua mãe, em virtude dela acreditar ser invenção da sua cabeça, ele busca ajuda do padre Maia e posteriormente do compadre Roque, um negro que vive nas redondezas. Roque, por sua vez, explica para o menino que o cachorro que ele vê não é uma criação; ele

¹ Instituição: Universidade Federal de Uberlândia – UFU Formação: Bolsista FAPEMIG/UFU de Iniciação Científica e graduanda em Letras E-mail: jahmrabello@gmail.com

² Instituição: Universidade Estadual de Santa Cruz Formação: Graduada em Letras E-mail:nunes.nubia@hotmail.com

realmente existe, mas pertence ao *orum*, o mundo verdadeiro onde as coisas são criadas, sendo o mundo material, chamado *aiyé*, apenas o reflexo do *orum*. No entanto, não é possível ir ao *orum*, pois a matéria é muito pesada. Segundo Roque, “não se aprende tudo nessa existência e nem de uma vez só”.

Analisando o itan, percebemos uma concepção que se assemelha aos conceitos de mundo das idéias e de mundo sensível, explanados por Platão. De acordo com o filósofo, a matéria era algo imperfeito, em constante estado de mudança e o mundo verdadeiro era visível apenas ao puro pensamento. A analogia encontrada no conto em relação à Teoria das Idéias de Platão é a de que o cachorro só pode ser encontrado no *orum*, pois este é o reflexo perfeito de algo existente somente no mundo inteligível e o menino não poderia ir ao *orum* por ser composto de matéria; algo concreto, mutável, que afeta todos os sentidos do corpo. Somente com a morte isto seria possível, visto que a matéria tornar-se-ia leve suficiente para habitar o mundo das idéias.

Ainda em consonância com os estudos de Platão, observamos também que, quando o autor fala que nem tudo pode ser aprendido nessa existência, nem tampouco de uma vez só, ele se refere à alma, a qual ao aprisionar-se ao corpo esquece-se de tudo que aprendeu no mundo das idéias, o *orum*. Sendo assim, para obter as recordações do que tínhamos aprendido e presenciado no mundo inteligível, o *aiyé*, nossa alma tem que retornar várias vezes a terra para alcançar tais reminiscências.

A utilização de um gênero discursivo primário, evidenciado pela linguagem simples, centrada na oralidade, a temática abordada e o desfecho com presença de princípios éticos e morais desenvolvidos no itan, aliados à narrativa curta nos remete à brevidade característica dos contos. Segundo Nádia Gotlib (2006, p.63):

O tamanho, portanto, representa um dos sinais característicos de sua diferenciação. Podemos dizer que o elemento quantitativo é o mais objetivo dos seus caracteres. O romance é uma narrativa longa. A novela é uma narrativa média. O conto é uma narrativa curta. O critério pode ser muito empírico, mas é muito verdadeiro. É o único realmente positivo.

Por meio de uma moral ingênua, que narra os acontecimentos singelamente, tal como deveriam acontecer, objetivando a satisfação do leitor/ouvinte, o conto passa a ser visto como fábula, alcança a memória dos povos e é, conseqüentemente, transmitido por séculos e séculos, pois como diria Boulton: “Se um personagem de um romance fala de modo muito elegante, torna-se difícil acreditar tanto na realidade de sua conversa quanto na sinceridade de suas emoções”³.

A linearidade do enredo, escrito de forma ininterrupta, traça um panorama de costumes, baseado na visão comportamental das personagens. Nos contos desse caráter, a personagem depende da visão do autor e da observação de pessoas cujo comportamento lhe parece mais significativo. São personagens que não surpreendem, tal a sua constância. Assim, acabam por se encaixar no conceito de personagens planas, desenvolvidos por Antônio Cândido: “Na sua forma

³ BOULTON apud MACHADO, 1995, P. 67

mais pura, são construídas em torno de uma única idéia ou qualidade. (...) Permanecem inalteradas no espírito porque não mudam com as circunstâncias”⁴.

A época narrada neste conto não está devidamente clara, mas ao longo da narração tornam-se evidentes aspectos morais, reverências e respeito perante as autoridades constituídas de acordo com cada instituição social, como a professora “Elvira” na educação, a mãe do menino “Maria” e o “compadre Roque”. Cada palavra emitida pelas personagens representa a evocação dos contextos sociais a quais são submetidos, demonstrando consonância com os escritos de Machado (1995, p. 59): “As palavras e as formas estão carregadas desta intencionalidade que torna o discurso literário uma manifestação daquilo que Bakhtin denominou plurilinguismo: trata-se não de uma linguagem, mas de um diálogo de linguagens”.

A diversidade de discursos denota a existência de ideologemas no conto. Nas teorias de Mikhail Bakhtin sobre a narrativa, o ideologema designa aqueles termos ou expressões que induzem a uma determinada ideologia. Essa multiplicidade é notada a partir do primeiro diálogo entre Maria – mãe do menino, e “Mãe Velha”:

- Se isso fosse mentira, Maria, esse menino não ia correndo esbaforido, para me contar tal história. E você precisa saber que, assim como há os invisíveis, também há bichos encantados. [...]
- Pode ser. Mas menino inventa muita coisa, senhora...
- Você e suas descrenças... Pois eu acredito!

(PÓVOAS, 2004, p. 151)

As palavras proferidas pelas personagens representam um ponto de vista particular sobre o mundo em que habitam; elas são a tradução ideológica da personagem que fala. “Mãe Velha retornou para falar outra vez, com mamãe. Falou. Não adiantou nada. Para mamãe, cachorro encantado não existia e pronto.” (PÓVOAS, 2004, p. 152) Essa linguagem é utilizada para exprimir diferentes personalidades, acentuando a presença de costumes discursivos variados.

Podem-se perceber diferentes pontos de vista compreendidos entre a mãe e o menino. Este era um indivíduo de imaginação muito fértil que representava para aquela nada mais que um criador de fantasias. Fantasias essas, que além de o deixarem absorto em pensamentos, desligava-o e afastava-o do mundo real. “-Se você ainda conversar sobre esse cachorro invisível, toma uma surra daquelas. Depois está aí um menino inutilizado, igualzinho à Linda de Deija, que só vive mentindo para Deus e o mundo. Tudo demais é sobra...” (PÓVOAS, 2004, p. 152)

O modo como a mãe do menino agia com ele representava a posição de mãe, pessoa experiente, madura e responsável, que via seu inverso no menino: imaturo, inexperiente e irresponsável. Essa diversidade de visões denota os modos distintos de enxergar o desenrolar das ações em um mesmo ambiente, isto é, “O que vemos é governado pelo modo como vemos e este é determinado pelo lugar de onde vemos.” (HOLQUIST apud MACHADO, 1995, p. 164)

Tais distinções entre as visões das personagens culminam num fenômeno amplamente difundido a partir dos estudos do teórico Mikhail Bakhtin: a Lei do Posicionamento - mecanismo que determina o prisma do campo visual de focalização. De acordo com esses estudos, o lugar de cada personagem seria pessoal e intransferível. Assim:

⁴ CÂNDIDO, 1995, p. 62-63

Embora as duas pessoas participem do mesmo evento, este se revela de modo diferente para elas, exatamente porque o lugar de cada uma é único e indivisível. Logo, é preciso considerar que há diferentes focalizações do mesmo fenômeno.

(MACHADO, 1995, p. 38)

Aliado a esse mecanismo determinante, encontramos também no conto, a heteroglossia, uma vez que esta só pode ser encontrada onde há distinção entre os pontos de vista. Apesar de não haver divergências culturais aparentes, cada personagem demonstra em seu discurso conhecimentos, quer eles sejam éticos ou religiosos, que os diferenciam dos demais.

- Olha menino, cachorro encantando não existe...
- Mas eu vejo ele, Padre Maia...
- [...] O cachorro que você vê existe sim. Ele é do *orum* e, quando aparece, só você pode ver...Você nasceu para ser grande, meu filho!

Todas as características mencionadas nesta rápida análise, associadas à breve extensão do *itan*, acabam por caracterizá-lo como conto que, com um tom de fábula de caráter moralizante, cumpre o objetivo de transmitir ensinamentos e lições para quem os ouvem. Com isto, chegamos à constatação da grande importância dos *itans* para perpetuação dos ritos populares de geração para geração.

Referências bibliográficas

- CÂNDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: **A personagem de ficção**. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- GOTLIB, Nádia B. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006.
- MACHADO, Irene A. **O romance e a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin**. Rio de Janeiro: Imago Ed., São Paulo: FAPESB, 1995, pp. 33-77.
- MAGALHAES JUNIOR, M. **A arte do conto: sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres**. Rio de Janeiro: Bloco, 1972.
- OLIVEIRA, Rita M. B. **O saber dos mais-velhos [Monografia]: confluências nas obras de Ruy Póvoas e Mia Couto**. Ilhéus: UESC, 2004.
- PÓVOAS, Ruy C. **A fala do santo**. Ilhéus: Editus, 2002.
- **Itan dos mais velhos**. 2ª ed. Ilhéus: Editus, 2004.

Recebido em dezembro de 2011.
Aceito em Maio de 2012.